



DO CAPITALISMO INDUSTRIAL AO MONOPOLISTA FINANCEIRO: UM ESTUDO SOBRE A I E A II REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

FROM INDUSTRIAL CAPITALISM TO FINANCIAL MONOPOLY: A STUDY OF THE I AND II INDUSTRIAL REVOLUTION

RESUMO

Guilherme Hübner Petenon
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Brasil
ra90445@uem.br

Rosalina Lima Izepão
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Brasil
rlizepao@uem.br

PALAVRAS-CHAVE

Industrialização;
Grã-Bretanha;
Industrialização Retardatária.

KEY WORDS

Industrialization;
Great Britain;
Late Industrialization.

JEL CODE

B 3, N 2

ÁREA 01

História Econômica, Economia Política e Metodologia.

O momento atual é caracterizado pelo crescimento exponencial do uso da tecnologia e pela intensa integração entre os sistemas físicos e digitais. Para alguns estudiosos, já estamos vivenciando a IV Revolução Industrial, para outros ainda estamos na III. O objetivo deste estudo é caracterizar a I e a II Revolução Industrial, visando identificar a importância desses acontecimentos como bases para as transformações técnicas, científicas e socioeconômicas da atualidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfico-descritiva, cujos resultados evidenciaram que a Inglaterra reinou absoluta como única nação industrializada até o início do século XIX, no entanto, no final deste mesmo século, passou a enfrentar concorrência de outros países recém industrializados, dividindo seu protagonismo em termos globais. Estas duas fases da Revolução Industrial foram bases fundamentais para as profundas transformações que passaram a ocorrer a partir de então, no setor produtivo, nas relações de trabalho e na geopolítica global que caracterizam o mundo atual.

ABSTRACT

The current period is marked by the exponential growth in the use of technology and the intense integration between physical and digital systems. For some scholars, we are already experiencing the IV Industrial Revolution, for others, we remain in the III. The aim of this study is to characterize the I and II Industrial Revolutions, seeking to identify the importance of these events as the foundations for today's technical, scientific, and socioeconomic transformations. This descriptive bibliographic study found that England reigned supreme as the sole industrialized nation until the early XIX century. However, by the end of that same century, it faced competition from other newly industrialized countries, thereby sharing its global leadership. These two phases of the Industrial Revolution constituted fundamental bases for the profound transformations that subsequently unfolded in the productive sector, in labor relations, and in global geopolitics that characterize the contemporary world.



This paper is Distributed Under
the Terms of the Creative
Commons Attribution 4.0
International License

Anais da Semana do Economista da Universidade Estadual de Maringá, vol.1, 2025
ISSN 3086-0385 (online) disponível em <https://dco.uem.br/anais>

INTRODUÇÃO

Desde meados do século XVIII até os dias atuais, a economia e a sociedade vêm passando por rápidas e expressivas transformações, em escala mundial. O uso da tecnologia cresce exponencialmente e alguns estudiosos sobre o tema já definem o atual momento como IV Revolução Industrial ou Revolução 4.0, caracterizada pela alta integração entre os sistemas físicos e digitais. O uso de sistemas inteligentes tem se propagado nos mais diferentes aspectos da economia e da sociedade não se limitando, portanto, apenas aos setores industriais. Na Indústria estes sistemas impactam desde a produção até a distribuição. O que se busca é o aumento da produção e da produtividade, a redução dos custos em geral e o atendimento mais eficiente e eficaz da demanda dos mercados.

Diferente da Revolução 4.0, caracterizada pela Inteligência Artificial (IA), Internet das Coisas (IOT), Robótica Avançada, *Big Data*, Robôs Corporativos, Cibersegurança e outros, a III Revolução Industrial, iniciada no século XX, teve como características principais o avanço na microeletrônica, automação, computadores, biotecnologia, criação de robôs para a indústria, telefonia móvel e foguetes de longo alcance, além do uso da energia atômica. No entanto, a base de todos este avanço está nos séculos XVIII e XIX, com a I e a II Revolução Industrial. A primeira ocorrida na Grã-Bretanha e a segunda em mais 15 países europeus, além dos Estados Unidos e do Japão, na América e na Ásia, respectivamente.

Diante do exposto, o objetivo deste Resumo é caracterizar a I e a II Revolução Industrial, visando identificar a importância destes acontecimentos históricos como bases para as transformações técnicas, científicas e socioeconómicas que seriam desencadeadas no século XX e nas primeiras décadas do XXI, denominadas III e IV Revolução Industrial. O estudo foi elaborado tendo como base a pesquisa, caracterizada por seus objetivos, como bibliográfico-descritiva.

O trabalho encontra-se estruturado em três seções, além desta Introdução e da Conclusão. Na primeira seção apresentam-se a contextualização histórica do surgimento da I Revolução Industrial, suas características e o pioneirismo britânico; na segunda destacam-se os elementos que envolveram o nascimento e consolidação a II Revolução Industrial e na terceira seção ressaltam-se os principais elementos que caracterizam a I e a II Revolução Industrial, destacando-se os resultados na produção industrial mundial no período de 1870 a 1929.

1 A I REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O PIONERISMO BRITÂNICO

A I Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, consolidou o país como potência econômica hegemonic mundial até o início do século XX. A compreensão da sequência de fatores que levaram ao seu protagonismo global é favorecida pela Revolução Inglesa do século XVII, que substituiu a monarquia absolutista, por uma parlamentarista de caráter liberal. Até o século XVII, a Inglaterra



era uma monarquia absolutista, mas não plena¹ e seu território apresentava diferentes níveis de desenvolvimento regional. Ao norte e a oeste predominavam estruturas agrárias, em modelos feudais, ainda em processo de transformação, enquanto ao sul e a leste, em contraste, existiam as fazendas administradas nos moldes capitalistas, além das indústrias artesanais e manufatureiras. Os grandes centros urbanos reuniam comerciantes dedicados ao comércio externo e interno, além da indústria tanto artesanal, quanto manufatureira (Beaud, 2004; Cotrim, 1997).

Durante o reinado de Carlos I, entre 1625 e 1649, a dinastia *Stuart* tentou instaurar um absolutismo pleno, o que gerou conflitos constantes com o Parlamento composto, majoritariamente, pela burguesia puritana. A Petição de Direitos de 1628, documento constitucional que reafirmava os direitos individuais frente ao Estado foi desrespeitada por Carlos I, que dissolveu o Parlamento e perseguiu seus líderes. Este, somente seria reconvocado em 1640, devido à necessidade de recursos para conter as revoltas escocesas. O processo de fortalecimento do Parlamento culminou na Revolução Inglesa, entre 1642 e 1689², que consolidou a Monarquia Parlamentarista na Inglaterra.

Este período desencadeou importantes eventos econômicos e sociais, como os Atos de Navegação de 1651 que, junto às guerras anglo-holandesas, definiriam a marinha inglesa como potência naval. O *Bill of Rights*, de 1689, estabeleceu limitações ao poder monárquico e garantiu direitos civis. Além disso, o vínculo da burguesia urbana com a nobreza proprietária de grandes terras seria a base para o capitalismo na sua fase industrial, em substituição ao comercial e para a consolidação da I Revolução Industrial.

O controle capitalista sobre a terra avançou entre os séculos XVIII e XIX, com os *Enclosures Acts* - Leis dos Cercamentos, que privatizavam terras antes comunais, além de promoverem o êxodo rural, pela expulsão dos camponeses que não conseguiam pagar os altos preços pelos arrendamentos das terras. Assim, a crescente demanda por terras produtivas aumentou o seu valor e, estando a riqueza concentrada na nobreza, esta classe foi quem passou a explorar a produção agrícola, por meio do uso de métodos de cultivos mais eficientes e produtivos, além da criação de ovelhas para indústria têxtil. A redução da utilização de mão de obra no campo ficou evidente com o êxodo rural. Os centros urbanos cresceram favorecidos por este movimento migratório, aliado ao avanço da medicina. Isso fez com que a população urbana aumentasse significativamente. Estima-se que “entre 1750 e 1800, a população do Reino Unido havia crescido cerca de 50%, nos 50 anos seguintes ela aumentou mais de 70% (de 15,9 para 27,4 milhões de habitantes)” (Saes e Saes, 2013, p. 175).

A mecanização dos meios produtivos, aliado a exploração de mão de obra disponível e com baixos salários, permitiu o crescimento acentuado do sistema fabril, que substituiria as produções artesanais e manufatureiras, com produção de bens não duráveis. O aperfeiçoamento dos métodos e divisões dos trabalhos em

¹ Porque, durante a criação do Estado nacional inglês houve a criação de uma “Carta Magna” que limitava os poderes do Monarca. Ver Izepão (2023).

² Esta Revolução teve 04 fases; A Revolução Puritana (1640/42 a 1649); o Protetorado de Cromwell (1649-1658); a Restauração Monárquica (1659-1688) e a Revolução Gloriosa (1688-1689). Ver Izepão (2024).

linhas de montagem permitiram o aumento da eficiência e o desencadeando uma produção industrial em larga escala. O desenvolvimento de máquinas com a utilização de motores a vapor permitiu não somente o avanço das indústrias, como também das áreas de transportes. A locomotiva e a navegação a vapor fizeram surgir importantes companhias nestes segmentos econômicos, além de promoverem a redução dos fretes, o aumento do consumo e, consequentemente, da produção (Dobb, 1983).

A Inglaterra, naquela época, possuía abundância de recursos naturais, como jazidas de carvão mineral e o desenvolvimento de métodos para sua utilização permitiu seu uso crescente como fonte de energia. Além disso, o fácil escoamento por hidrovias representou um grande avanço. O desenvolvimento de instituições financeiras, como o Banco da Inglaterra, fundado em 1694, impulsionou o crescimento do comércio a níveis globais e o desenvolvimento de poupança para novos investimentos foi fundamental para a ampla difusão na Inglaterra da I Revolução Industrial; além da acumulação de capital advindas das colônias.

Com a Revolução Industrial, a Inglaterra se transformou no maior produtor e exportador de produtos manufaturados, em especial nos setores têxtil e de siderurgia, caracterizados pela lã, algodão e pelo ferro, respectivamente. De 1760 a 1830, a Revolução Industrial se restringiu à Inglaterra e somente a partir do século XIX se difundiu para outras partes do mundo.

2 AS INDUSTRIALIZAÇÕES RETARDATÁRIAS OU II REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A II Revolução Industrial, ocorrida a partir do século XIX, diferentemente da I, que teve a Inglaterra como protagonista, caracterizou-se por maior globalização. Envolveram-se 15 países europeus, além da Inglaterra, com destaque para a Alemanha, além dos Estados Unidos, na América e do Japão, na Ásia. Nos países de industrialização retardatária, o modelo econômico baseado no liberalismo clássico, típico da fase do capitalismo industrial, foi substituído pelo protecionismo estatal e pelo capitalismo monopolista e financeiro. A cooperação internacional, como nos casos de países como a Alemanha e os Estados Unidos e a transferência de conhecimento técnico para o Japão, permitiu progressos significativos nos avanços científicos e tecnológicos, marco da II Revolução Industrial (Beaud, 2004).

As novas fontes energéticas passaram a incluir a eletricidade e o petróleo, além do carvão mineral, base energética da I Revolução Industrial, o que impulsionou um novo sistema de produção em massa a partir de linhas de montagem. A produção tornou-se altamente mecanizada, com aprimoramentos na organização do trabalho, como o Taylorismo e o Fordismo³, acompanhados pelo surgimento de grandes quantidades de indústrias e conglomerados. A evolução das indústrias químicas e a eficiência no amplo uso do alumínio e aço, transformaram a produção de bens de consumo não duráveis, típicos da I Revolução Industrial, para

³ Entende-se por Taylorismo e Fordismo como modelos de organização do trabalho e produção na indústria. O primeiro popularizado por Frederick W. Taylor com base na organização científica do trabalho individual visando obter maior produtividade do trabalhador. O segundo, desenvolvido por Henry Ford, envolve a utilização da linha de montagem para aumentar a produção e reduzir custos. Ver Beaud (2004).

bens semiduráveis e duráveis, como materiais elétricos, ferramentas e maquinário. O avanço dessas indústrias permitiu o uso do petróleo como combustível, impulsionando o desenvolvimento dos motores a combustão e transportes sobre trilhos (Saes e Saes, 2013).

As ferrovias foram fundamentais no desenvolvimento da infraestrutura, possibilitando a integração territorial e o escoamento eficiente de matérias-primas para as fábricas. O comércio em escala global, a integração entre polos urbanos e industriais, e a mobilidade de mão de obra foram facilitados com ampla utilização das ferrovias, além do ciclo entre produção e crescimento destas indústrias. O capital circulava globalmente com maior facilidade e os grandes bancos facilitaram o acesso ao crédito, incentivando investimentos em inovação e tecnologia para a expansão industrial. O desenvolvimento do capitalismo financeiro permitiu grandes avanços, levando ao surgimento do monopolismo, concentrando os mercados nas mãos de poucas e grandes empresas (Beaud, 2004).

O protecionismo estatal, oposto ao liberalismo clássico, típico da I Revolução Industrial, buscou proteger a produção nacional por meio de restrições e tarifas. Estas medidas favoreceram o crescimento de indústrias emergentes, da produção interna e o avanço da economia mundial. Esse protecionismo foi amplamente adotado pelos países com protagonismo na I Revolução Industrial, como a Alemanha, Estados Unidos, Japão, França e outros (Saes e Saes, 2013).

3 CATERIZAÇÃO E PRINCIPAIS RESULTADOS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL EM SUAS FASES I E II

A Revolução Industrial desde as duas fases iniciais, nos séculos XVIII e XIX, vem gerando importantes transformações em todos os aspectos da sociedade, em escala mundial, tendo os avanços técnicos-científicos como propulsores deste movimento. Nesse sentido, pode-se inferir que as duas fases desta Revolução se constituem nos principais pilares que fundamentam as fases que vieram a seguir: a III e a IV. Por meio do Quadro 01 pode-se observar as principais diferenças entre a I e a II Revolução Industrial.

Quadro 01 – Principais diferenças entre a I e II Revolução Industrial

Especificações	I Revolução Industrial	II Revolução Industrial
Local	Grã-Bretanha (Inglaterra)	Europa (Foram 15 países, entre os quais a Alemanha, Bélgica, França, Grã-Bretanha, Itália, Suíça), América (Estados Unidos) e Ásia (Japão)
Matriz Energética	Carvão mineral	Carvão mineral, eletricidade e petróleo.
Setores Econômicos	Bens de consumo não duráveis, indústria siderúrgica (ferro) e têxtil (lã e algodão)	Bens de consumo duráveis e semiduráveis, além dos não duráveis. Destaques: indústria automobilística, elétrica, química e siderúrgica (alumínio e aço, além do ferro)
Organização Industrial	Produção familiar e pequenas indústrias	Sociedades anônimas, conglomerados - trustes e cartéis

Estrutura de Mercado	Concorrência	Oligopólios e monopólios
Sistema de Produção	Maquinofatura - motores a vapor e tear mecânico	Motores a combustão, eletrificação e petroquímica
Produção e Produtividade	Produção em alta escala - mecanização e aperfeiçoamento da divisão do trabalho	Larga escala - Inovação, tecnologia e racionalização das divisões, relações e linha de montagem do trabalho
Atuação do setor financeiro	Bancos	Fusão do capital industrial com o financeiro - cartelização e formação de conglomerados
Mercados	Maior preocupação com o mercado externo	Preocupação com o mercado interno e externo – economia altamente mundializada
Atuação do Estado	Liberalismo - Baixa intervenção estatal e maior estímulo ao mercado	Liberalismo – mas, com fortes práticas intervencionistas e protecionistas
Divisão Internacional do Trabalho	Grã-Bretanha - polo central do capitalismo	Países industrializados se constituem polos; Partilha África e Ásia (Imperialismo) e descolonização da América. Divisão entre países industrializados e países primário-exportadores.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Pode-se observar, por meio do Quadro 01 que, se a Inglaterra reinou absoluta como o único país industrializado até o início do século XIX, no final deste mesmo século teve que enfrentar a concorrência de vários outros países recém industrializados e dividir o seu reinado em termos mundiais. A II Revolução Industrial promoveu transformações profundas no setor produtivo, nas relações de trabalho e na geopolítica global.

Tabela 01 - Produção Industrial Mundial (1870-1929)

PERÍODO	ESTADOS UNIDOS	REINO UNIDO	ALEMANHA	FRANÇA	RÚSSIA	OUTROS PAÍSES
1870	23,3	31,8	13,2	10,3	3,7	17,7
1881-1885	28,6	26,6	13,9	8,6	3,4	18,9
1896-1900	30,1	19,5	16,6	7,1	5,0	21,7
1906-1910	35,3	14,7	15,9	6,4	5,0	22,7
1913	35,8	14,0	15,7	6,4	5,5	22,6
1926-1929	42,2	9,4	11,6	6,6	4,3	25,9

Fonte: Saes e Saes (2013, p. 251).

Por meio da Tabela 01 é possível observar que o Reino Unido, no final do século XIX era o grande produtor industrial, representando 31,8% do total mundial. Em 1913, um ano antes da I Guerra Mundial (1914-1918), o Reino Unido já havia sido suplantado pelos Estados Unidos, seguido pela Alemanha, com uma representatividade de 14,0%, 35,8% e 15,7%, do total mundial, respectivamente.



Entre 1926-1929, os Estados Unidos assumiram a posição de maior destaque com 42,2%.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os séculos XVIII e XX, ocorreram importantes transformações econômicas e sociais de grande impacto global, marcados pelas duas revoluções industriais, ou duas fases de uma mesma revolução, isto é, a Revolução Industrial inglesa. A I Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, foi caracterizada pela substituição do capitalismo comercial, pelo capitalismo industrial, partindo da produção artesanal e manufatureira para a maquinofatura, com a introdução dos motores a vapor, dos teares mecânicos e da racionalização da produção e das relações de trabalho. O Estado, neste contexto, exercia pouca intervenção, caracterizado como liberal.

A segunda fase ou II Revolução Industrial envolveu diversos países da Europa, na América, os Estados Unidos e na Ásia, o Japão. Tem-se nesta fase, também, a substituição do capitalismo industrial pelo monopolista-financeiro, pautado pelo Estado protecionista e intervencionista. Os progressos científicos e tecnológicos gerados pelos altos investimentos em educação possibilitaram o uso de novas fontes de energias, como a eletricidade e o petróleo, além do uso de métodos de produção em grande escala.

Assim, pode-se inferir que estas duas fases da Revolução Industrial, ao introduzirem inovações tecnológicas na produção, gestão, processos, produtos, circulação de mercadorias e serviços, entre outros, em escala mundial, serviram de base para as revoluções ou fases subsequentes, incluindo a atual, isto é, a chamada Revolução 4.0. Para o bem e para o mal, estas revoluções, juntas, influenciaram os diretamente os sistemas econômicos; as relações sociais, políticas, culturais e ambientais, tendo como pilares os avanços científicos e tecnológicos.

REFERÊNCIAS

BEAUD, M. História do capitalismo: de 1500 aos nossos dias. São Paulo: brasiliense, 2004.

COTRIM, G. História e consciência do mundo. São Paulo: Saraiva, 1997.

DOBB, M. A evolução do capitalismo. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HUBERMAN. L. História da riqueza do homem. 18 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

IZEPÃO, R. L. Os limites da Fisiocracia na França do século das luzes. Anais da XXXVII Semana do Economista da UEM. Disponível em: www.dco.uem.br. Acesso em: 20 jun 2025.

SAES, F. A. M.; SAES, A. M. História Econômica Geral. 1. ed., São Paulo: Saraiva, 2013.

